

# Se Papini encontrasse Anatole...

Anatole, de l'Académie Française, vencedor e laureado, dirige-se com Remy de Gourmont para o Quai Malaquais. Ha um grande movimento nas ruas. São pessoas que visitam os bouquinistas ao longo do cáis. A noite está serena e quente. No céu vêm-se a lua e as estrelas de costume. Talvez alguém enxergasse mais uma, ou menos três. Os dois grandes homens não se olham. Pouco lhes importa o céu e suas luzes. Não são poetas, nem astrónomos, nem malucos. Dentro deles ha mais grandiosidade e encanto do que no ambiente que os cerca. Caminham sem pressa e continuam no debate, iniciado em casa, sobre o ultimo livro de Anatole: Jeanne d'Arc. Gourmont acusa-o de cético, de ironico, de sarcástico, e acha que ele não deveria ter procurado um assunto tão religioso para tratar. Quanto mais sobre uma creatura que só os grandes místicos serão capazes de compreender. E lembra, a proposito, o que disse Nietzsche a respeito das biografias: os genios, os heróis, os místicos grandiosos de uma época só poderão ser biografados por individuos igualmente grandiosos de outras épocas. Em resposta, Anatole diz-lhe que os céticos são os maiores crentes e idealistas dos mortais. Se hoje são céticos, é porque ontem esperaram de mais. E a humanidade não pode igualar os seus ideais. Sua ironia é sómente o sinal do seu desânimo e da sua piedade. Os céticos são grandes idealistas desiludidos. E os dois amigos continuavam na conversa, quando irrompeu dentre a multidão um homem que caminhava apressadamente, dando empurrões nos transeuntes. Era um homem de meia altura, sem grandes cuidados no vestir, colarinho demasiado folgado, cabelos em desalinho, nariz chato e com cara de "bull-dog" enfurecido.

— Quem será aquele sujeito tão mal encarado, que passou por nós? perguntou Anatole, intrigado. E, virando-se para Remy de Gourmont, prosseguiu M. Bergeret: eu que sempre fui um amante da beleza, da plastica perfeita; um hebenico nascido póstumo, para quem o belo é o supremo valor da vida, não posso suportar o feio. Sinto-me triste ao ter que olhar uma cara tão feia! Prefiro o erro e o mal ao feio; porque no feio se resumem os dois. Essa fisionomia mais parece mascara. Ela me trouxe à memoria uma recordação da infancia: a emoção que senti ao ver o retrato de Mirabeau pela primeira vez. Nunca pensei que chegasse a encontrar na vida um tipo como o meu Paphúncio, que, ao passar a mão pelo rosto, sentia a sua hediondez. Mas só tive coragem de dar tanta monstruosidade ao meu personagem no fim do romance, depois dos maiores pe-

cados de que é capaz um santo: a sensualidade e a luxuria.

O homem feio também não passou indiferente pelo velho Pierre Nozière. Ao chegar á esquina, parou e pôz-se a contemplá-lo. Recordava-se de ter visto aquela figura em alguma capa de livro. E porque diabo ele também o olhava tanto? E como não pudesse falar a ninguem — ele ia sózinho — voltou sobre seus passos e dirigiu-se diretamente a Anatole:

— Se me não engano, falo com Anatole France, não? Mas sendo ou não, o que pouco me interessa, quero saber a razão do seu espanto á minha passagem?

— Quanto á primeira, assim penso eu. Ou pelo menos é por esse nome que eu respondo a todos que me chamam. E' ainda com esse nome que assinei todos os meus livros que correm mundo. Onde uns vêm sómente mentiras estilizadas e maldade, e outros vêm ironias aos poderosos e piedade pelos que sofrem. Aqui entre nós, particularmente, eu estou com estes ultimos. Quanto á segunda, se me permite, e já que me perguntou, tomo a liberdade de lhe dizer que o motivo da minha surpresa é a sua disformidade fisionomica. E se a face retratar a alma...

— Muito antes do Sr. notar a minha fealdade, eu já a tinha notado. E como eu, muitas mulheres, que amam afrodisiacos exóticos. E foi de frente do espelho que eu imaginei um conto sobre as mascaras. Só bem mais tarde eu o publicarei. Antes que me esqueça: eu sou Giovanni Papini, escritor italiano. Sou o maior demolidor da Italia contemporanea, e seu habitante mais feio, mais odioso, mais revoltado. Descendo em linha direta de Carducci, e sou inimigo pessoal de D'Annunzio, de Sem Benelli, de Zúccoli, e de muitos outros. O Sr. nunca ouviu falar em mim, em meu Leonardo, em meu futurismo antes de Marinetti?

— Não. Nunca ouvi falar do Sr. do seu Leonardo, do seu futurismo. Já estou demasiado velho para novidades. Conheço sómente Giuseppe Parini, que viveu no século XVIIIº, e do qual eu possuo dois volumes de Poesie scelte e Prose scelte.

Aproveitando a oportunidade, Remy de Gourmont afastou-se ás pressas, desaparecendo na primeira esquina. E' que Anatole esquecera-se de que o seu amigo soffria do mesmo mal de Papini: a fealdade exagerada. Pois tinha um grande lupo deformando-lhe o rosto.

— Nunca pensei que viesse conhecer A. France em Paris, tão de improviso. Não era da minha intenção visitá-lo. Eu vim aqui sómente para tratar da publicação de um livro meu em francês, na

editora Felix Alcan, e aproveitei a ocasião para visitar Bergson, o meu filosofo preferido, juntamente com W. James. Mas, deixemo-los em paz. Voltemos ao nosso assunto. Como este Paris é horroroso, cheio de gente, de barulho, de confusão. Por mim, não existiriam mais cidades, e isso mesmo eu disse em um discurso oficial em Roma. Eu sinto meu odio pela humanidade crescer assustadoramente quando tenho que me defrontar com esses macacos repelentes que transitam pelas ruas. Cambada de Morlocks!! Andam aos bandos, solidarios, covardes! Não pensam, não sentem, não querem ser grandes, como eu. Sim, como eu! Eu quero ser um genio, um Dante, um Goethe. Um Deus. Quero ser o imperador do mundo. Senhor do céu e da terra, do passado e do futuro. Quero me vingar do tempo em que fui anónimo. Do tempo em que passava triste e só pelas praças da minha Toscana, sob os olhares indiferentes e cegos das mulheres e dos homens. Ninguém parava surpreso á minha passagem, ninguém me olhava com estupor e admiração. Por isso eu os odeio. Ah! como eu odeio a espécie humana! O meu maior prazer seria colocar uma bomba no eixo imaginario do mundo, que reduzisse tudo a uma bola de lama. Seria ver toda esta massa morrer num montão de ruínas, num rolar tremendo de avalanche, num massacre definitivo de todas as creaturas, que foram felizes ao meu lado que soffria! Seria assistir este mundo rolando vazio; como um fantasma, por entre os outros mundos. Eu quero me vingar da vida. Transformar as personalidades. Fazer tristes dos alegres, pecadores dos inocentes, criminosos dos bons, desgraçados dos felizes, céticos dos crentes. Será essa a minha vingança. Quero ser o primeiro anti-psiquiatra. Já tentei tudo para isso. Agora mesmo ao encontrá-lo eu ia pensando no meu plano. Não escapará ninguém. Descobrirei a inclinação secreta de cada um e a farei visível. Tornalos-ei monstruosos. Irei de casa em casa levando a desilusão. Em todos os lares só deixarei a dor e o desespero. Matarei todos os projetos. Provocarei tragédias e guerras. Em cada consciencia só restará o vago e o vazio. Em cada cidade espalharei a maldição a desesperança, o odio! Tirarei dos corações a coragem de viver. Por onde eu andar só ficará a desolação. Passarei pelo mundo com u'a peste. Os homens serão tímidos e vacilantes. Farei indagar quem nunca indagou. E todos começarão a dizer: por que? E todos começarão a gritar: como? E todos começarão a berrar: para que? Todos serão psicastenicos. Fá-los-ei máus e retraídos, doem-

tios e tímidos. Só levarão dentro de si remorso, complexo de inferioridade, loucura da dúvida, medo de tudo. Só levarão com eles a sua idéa fixa, que os torturará e matará. Serão eternos prisioneiros de si próprios. Não se esquecerão um momento de suas pobres almas. Chorarão pelos seus destinos e indagarão se aquilo terá um fim. Mas eu não ficarei vingado enquanto não encher a terra destes idiotas e maniacos. Quero livrar o mundo da alegria e da beleza. Vou forçá-lo a um suicídio por excesso de dôr. E' este o meu sonho. E' este o ideal que ainda me mantém vivo. Farei deste mundo um verdadeiro inferno. Em comparação com ele, o de Dante será uma estação de repouso. Por fim, já ninguém se compreenderá mais! Todos serão loucos e imbecis. Os pais deflorarão suas próprias filhas. Os filhos matarão os pais. Irmão odiará irmão. Os cadáveres putrefatos dos suicidas e dos assassinados obstruirão as ruas das cidades abandonadas e em ruínas. Os que ainda resistirem á morte e á loucura serão raquiticos e monstruosos, e viverão separados e escondidos. Terão medo um do outro. E assim morrerão os últimos homens sobre a terra...

— Que imaginação apocalitica! Como tudo isso é velho! Muito antes do Sr., já outros escritores, feios e sem amores, imaginaram a mesma coisa, o mesmo fim do mundo, o mesmíssimo suicídio universal. Hartmann e Schopenhauer também fizeram planos. E, interessante, todos dois morreram, por doença natural, em idade avançada... Quando o Sr. chegar á minha idade começará, por certo, a ter piedade de todos que habitam esta geóide. Verá que todos nós somos joguetes da mesma Necessidade, vítimas do mesmo Destino. Os homens são sempre grandes inocentes, tanto no bem como no mal. Nós é que nos fazemos o centro do mundo. Nós, os intelectuáes, somos muito orgulhosos. Nisto reside a nossa miséria e o nosso odio. Porque os homens, Sr. Papini, são o que sempre foram: mediocrementemente bons e mediocrementemente máus. Não assustam, nem surpreendem. Por isso eu me cerco de piedade e de ironia. Uma para as lágrimas, outra para o sorriso. E só as almas verdadeiramente grandes têm piedade. Piedade para todos, indistintamente. Para os pobres, para os ricos; para os infelizes, para os felizes; para os nossos amigos e para os nossos inimigos. Só a piedade nos torna verdadeiramente humanos e nos liberta do sepulcro da velhice. Por isso, já em 1879, eu escrevi que "a bondade intelligente é o mais belo dos tesouros". E muitas e muitas mais coisas eu poderia lhe dizer, mas seria repetir o que já disse nos meus livros. O Sr. não será nunca um cético, nem um piedoso, porque é demasiado negativista e religioso. Não

ha maior crente do que os nihilistas. E também não será nunca um genio, porque "la pitié, c'est le fond même du génie".

Papini não respondeu. Preferiu calar. E ia se retirar, quando Anatole, segurando-o de leve em um dos braços, convidou-o a observar os que iam e vinham confiantemente distraídos, deante do oceano imenso, que brilhava ao longe num estirão de luar. Não se contentando de revolta e de misantropia, Papini afastou-se a largos passos, sem reparar sequer nas grossas lágrimas que rolavam dos olhos do velho Pierre Nozière. Eram lagrimas saudosas de quem passeára, naquele mesmo cáis, levado pelas mãos da governanta. E já havia 70 anos...

**EVARISTO DE MORAIS FILHO**